

AS CHARQUEADAS DE TUPANCIRETÃ: A PERMANÊNCIA DAS ATIVIDADES DO CHARQUE NOS DADOS DA DRT/RS, 1933-1944

EULER FABRES ZANETTI¹; ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES²

¹Universidade Federal de Pelotas – euler.f.zanetti@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aristeuufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende demonstrar a continuação da indústria saladeiril durante o século XX, na cidade de Tupanciretã, mesmo após o declínio da produção de charque no final do oitocentos no estado do Rio Grande do Sul.

A historiografia enfatiza que:

Os anos 1860 são considerados o grande auge econômico do setor, e pode-se considerar que foi apenas na década de 1880 que teve início uma crise irreversível que acabou por resultar na decadência do complexo charqueador escravista (VARGAS, 2014, p. 541).

sendo assim, um dos fatores que condicionaram a derrocada das charqueadas, no Rio Grande do Sul, foram as leis que tentavam reduzir paulatinamente a escravidão no país, como a Lei Eusébio de Queirós, em 1850; a Lei do Ventre-Livre, em 1871 e a Lei dos Sexagenários, em 1885, em função de usarem mão de obra escrava como forma de trabalho (VARGAS, 2011).

Outro fator, no começo do século XX, é o surgimento dos frigoríficos com capital estrangeiro, como, por exemplo, o Frigorífico Anglo de Pelotas, inaugurado em 1943. O frigorífico pertencia ao Grupo Vestey Brothers – irmãos ingleses, donos de empresas instaladas nos Estados Unidos da América, Brasil e Uruguai. O empreendimento foi considerado a mais sofisticada indústria frigorífica naquele momento, empregava grande número de trabalhadores se comparada com outros estabelecimentos da época (LOPES, SCHMIDT, 2018).

Assim como Pelotas, a elite da cidade de Tupanciretã manteve charqueadas posteriormente a queda da Monarquia brasileira. Todavia, durante a República, Pelotas perde o posto que teve no decorrer do século XIX em número de empresas saladeiris, ao passo que em Tupanciretã segue-se contratando trabalhadores ainda nas décadas de 1930 e 1940, conforme apontam os dados do acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul, composto por fichas de qualificação profissional, documento que antecedia a solicitação da Carteira Profissional. O objetivo desta proposta, portanto, é analisar os trabalhadores das charqueadas Marcial G. Terra e Cooperativa Rural Serrana da cidade de Tupanciretã, que solicitaram carteira profissional entre os anos de 1933 e 1944.

2. METODOLOGIA

Com o intuito de dar seguimento ao objetivo acima apresentado, faz-se necessário explicar o trabalho de pesquisa com as fichas usadas como fonte. O Núcleo de Documentação Histórica Prof^a Beatriz Loner da UFPel (NDH) possui um acervo com mais de 600.000 Fichas de Qualificação Profissional de trabalhadores e trabalhadoras, documento que antecedia a Carteira Profissional, emitidas pela Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (DRT-RS),

entre os anos de 1933 e 1968. Nelas, são verificadas diversas informações sobre cada trabalhador ou trabalhadora, bem como:

Os campos da ficha de qualificação profissional são minuciosos e permitem observar detalhes da vida do trabalhador que solicitava a carteira. Há um grupo de itens que se refere aos dados pessoais do trabalhador: nome, sexo, altura, cor da pele, cor dos cabelos e cor dos olhos e, se do sexo masculino, barba e bigode. Ainda é possível saber se o trabalhador possui sinais particulares, ou seja: falta de membros, calvície, cicatrizes, marcas de varíola, deficiências físicas, queimaduras, entre outros. É possível saber a filiação, se solteiro, casado ou viúvo, e o número de filhos. Também eram solicitados os dados do nascimento do trabalhador: a data, o local do nascimento, os nomes dos pais, a cidade e do estado e, se estrangeiro, o ano da chegada no Brasil e, quando realiza, o ano da naturalização. Outras informações solicitadas eram o endereço e o grau de instrução do trabalhador. Outro grupo de campos se referia às atividades profissionais do trabalhador, nos quais eram registrados: a profissão, o nome e a espécie do estabelecimento profissional, a cidade e o endereço do estabelecimento, e se o trabalhador fosse sindicalizado o número da matrícula e o nome do sindicato (LOPES, 2015, p. 5-6).

O acervo é higienizado, catalogado e organizado em ordem cronológica dentro de envelopes, que posteriormente são armazenados em caixas de políondra. A fim de armazenar em forma digital os formulários da DRT/RS, foi criado um banco de dados para sistematizar as mesmas informações contidas nos formulários, permitindo que o registro possa ser consultado e também cruzar informações. (LOPES, 2015)

Os registros da DRT acondicionados no NDH datam de 1933 a 1968, entretanto os formulários que foram usados para a corrente pesquisa são apenas os que encontram-se inseridos no banco de dados digital do projeto Traçando o perfil do Trabalhador Gaúcho, portanto, somente entre os anos de 1933 e 1944.

Ao fazer-se a busca no banco de dados digital pelo número de empregados exercendo atividades em empresas saladeiris nos referidos anos na cidade de Tupanciretã, é possível localizar 63 fichas de trabalhadores. Dentre os 63 formulários, 37 trabalhadores estão distribuídos na companhia Marcial G. Terra, e os outros 26 na Cooperativa Rural Serrana.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho ainda encontra-se em desenvolvimento, no entanto, é possível perceber alguns pontos-chave que convergem entre as duas empresas pesquisadas: a profissão que mais se encontra no banco de dados digital é o magarefe, isto é, o indivíduo que abate e esfolia as reses. A média salarial dos funcionários é entre Cr\$12,00 e Cr\$14,00 diários.

Além disso, outro dado essencial obtido é o que diz respeito ao trabalhador negro, pois, pelas fichas, se constatou apenas 3 funcionários, todos na empresa Marcial G. Terra. Considera-se relevante apontar para a existência de 12 formulários com a marcação de cor parda, sendo 7 empregados da Marcial G. Terra e os outros 5 da Cooperativa Rural Serrana.

Como apresentado acima, magarefe é a profissão mais encontrada. Dos outros ofícios, encontrou-se, dentre as 63 solicitações: um apontador, ou seja, realiza inspeção em linha de peso, comprimento, quantidade, assalariado da Cooperativa Rural Serrana; e um carpinteiro, também da mesma cooperativa.

Por outro lado, é fundamental pensar em outras possibilidades que ainda estão em aberto para serem investigadas, tal como a presença de somente homens nas solicitações de carteira. Também é essencial refletir sobre o contexto histórico ao qual os trabalhadores viviam, sendo a maior parte deles, possivelmente, com poucas condições sociais e financeiras, a oportunidade de tirar uma foto 3x4 não acontecia frequentemente, logo, averiguar como se vestiam ou se portavam nesse dia, é outro ponto relevante que ainda precisa ser explorado.

4. CONCLUSÕES

É importante retomar que a derrocada das charqueadas apresentava seu declínio já nas últimas décadas do século XIX, com decadência considerável ao longo da primeira metade do século XX. Ademais, apesar do crescimento da indústria frigorífica, a cidade de Tupanciretã, na mesorregião Centro Ocidental Rio-grandense, permanece em atividade charqueadora com duas empresas possuindo, em conjunto, 63 empregados.

Por mais que essas companhias saladeiris não dispusessem dos mesmos prestígios ou lucros que tivera no oitocentos, é possível considerar que as mesmas ainda continuavam atendendo um mercado local. Por outro lado, os frigoríficos destinam sua produção de carne congelada e/ou frigorificada para a exportação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES, A. E. M. História e Memória dos trabalhadores no Rio Grande do Sul: o acervo da Delegacia Regional do Trabalho, 1933-1943. **Memória em Rede**, Pelotas, v.5, n.12, p. 1-15, 2015.

LOPES, A. E. M., SCHMIDT, M. R. Os trabalhadores no Frigorífico Anglo de Pelotas no acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul: história, memória e fotografia. **Tempos Históricos**, v. 22, p. 398-423, 2018.

VARGAS, J. M. Abastecendo plantations: A inserção do charque fabricado em Pelotas (RS) no comércio atlântico das carnes e a sua concorrência com os produtores platinos (século XIX). **História**. São Paulo. v.33, n.2, p. 540-566, 2014.

VARGAS, J. M. Das charqueadas para os cafezais? O comércio de escravos envolvendo as charqueadas de Pelotas (RS) entre as décadas de 1850 e 1885. In: V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2010, Porto Alegre. Anais do V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Porto Alegre: UFRGS, 2011. v. 5. p. 1-20.